

FREITAS NETO, José Alves de . “As Histórias de Mitre: a Argentina e seus outros”.
In: Marcia Naxara; Izabel Andrade Marson. (Org.). **Figurações do Outro na História**.
Uberlândia: EDUFU, 2009, v. 1, p. 389-410.

**A CONSTRUÇÃO DO “OUTRO” A PARTIR DO DISCURSO DA NAÇÃO
CIVILIZADA: AS PERSPECTIVAS DA HISTORIOGRAFIA ARGENTINA NAS
OBRAS DE BARTOLOMÉ MITRE (1821-1906)**

José Alves de Freitas Neto
Unicamp

Os discursos de fundação dos Estados nacionais hispano-americanos foram e continuam sendo fontes de análises históricas, políticas, culturais e sociais sobre os processos iniciados há quase dois séculos e que constituíram, grosso modo, os atuais estados latino-americanos. A riqueza desses discursos reside na capacidade de explicitar aspirações e projetos e, ao mesmo tempo, encobrir parte substantiva da população desses territórios no século XIX.

Dentre as regiões colonizadas pela Espanha, a futura Argentina, é possuidora de um dos discursos mais emblemáticos sobre os rumos políticos a serem seguidos nas décadas seguintes à independência, sintetizada na dualidade entre “civilização e barbárie” do escritor Domingo Faustino Sarmiento, de 1845.

O propósito deste texto não é recuperar os processos de emancipação e consolidação da “nação” argentina, mas discutir a partir da obra de Bartolomé Mitre (1821-1906), as formas de construção de semelhanças e diferenças na tradição histórica daquele país. A partir de determinados elementos do periodista, historiador, político, literato, general e presidente Mitre pretendemos identificar operações de uma construção do “outro” e do “mesmo” dentro da sociedade platina.

É evidente que ao fazermos este exercício de análise não o fazemos por ser a Argentina o espaço do “outro” brasileiro, que se revela nas inúmeras escaramuças políticas, econômicas e esportivas que vivemos há décadas. Mas pela própria peculiaridade da sociedade argentina no contexto hispano-americano. No país austral, de forma intensa, escritores e políticos debateram durante o século XIX sobre o futuro da jovem nação. Ainda hoje, esses debates e avaliações sobre as escolhas realizadas, marcam o debate historiográfico e político daquele país.

Para não sermos anacrônicos é conveniente esclarecer que o que chamamos de alteridade não era uma preocupação de Mitre, nem de seu tempo. A forma como nos apropriamos desse discurso na atualidade é bastante diversa de um autor dos oitocentos. Não havia uma preocupação em descrever a diferença com o olhar da diversidade: o que era diferente era, na maioria das vezes, um empecilho à realização do projeto imaginado pelos ilustrados da sociedade buenairense. A pretensão dos escritores daquela época ao realizar uma descrição dos indígenas, dos *gauchos* argentinos e da população “mestiça” era para demonstrar forças e inaptidões destes grupos diante do desafio de civilizar o país, que os *criollos* (descendentes dos espanhóis), teriam plenas condições de realizar. A crença civilizadora não estabelecia um discurso sobre o *outro*, mas uma narrativa sobre o *mesmo*, posto que estabelecia alvos a serem atingidos e trajetórias a serem renegadas. Não se abandonava os valores de onde se enunciava (dos *criollos*) para se aproximar de referências diversas, mas apenas a constatação da “inferioridade” dos grupos não-*criollos*. Dessa forma podemos dizer que o discurso de construção da nação é fundamentado numa crença homogeneizadora a partir dos critérios definidos por expoentes de um grupo. A civilização é uma só: os caminhos para ela já foram trilhados por outros povos, no caso os europeus, e havia um ideário a ser seguido pela Argentina, se quisesse pertencer a este seletto “clube de civilizados”.

No entanto, esta operação civilizadora não é simples, nem amorfa como demonstram os vários casos de resistências e rebeliões. Por isso se torna fascinante discutir a gestação e aplicação de determinadas idéias que hoje podem parecer distantes, pois se localizam no século XIX, mas que observadas com atenção, ainda ecoam juízos de determinados setores das sociedades hispano-americanas. Apropriando-me de uma citação de um historiador que analisou as origens da historiografia brasileira, Nilo Odália, poderia dizer:

“O século XIX dá a impressão, às vezes, de ser uma vasta e rica cornucópia, de onde se retiram, conforme o gosto e o paladar de cada um, sonhos ou pesadelos. Amado ou odiado, ele está sempre presente sobre nossos olhos, é que as análises e interpretações que dele possuímos na mesma medida o revelam e o escondem. (...) Ele é uma presença acachapante, muitas e muitas vezes um fardo excessivo, cuja influência dificulta e embaraça o encontro de novos caminhos e novos ideais. Não importa em quê e no quê falamos ou pensamos, cedo ou tarde acabamos por nos meter em desvãos e trilhas subterrâneas que àquele período nos conduzem.”¹

¹ ODÁLIA, Nilo. As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna. S. Paulo: Ed. Unesp, 1997. p. 31

Os trabalhos históricos de Bartolomé Mitre são marcados por algumas concepções facilmente identificáveis, como a composição de uma história total, ou seja, da busca de informações sobre os povos pré-colombianos até o seu tempo; a ênfase na questão política, utilizada como pressuposto para se produzir a passagem da “República para a Nação”; e, fundamentalmente, a caracterização de uma história feita a partir de biografias de grandes personagens, como ele pretendeu na *Galería de Celebridades Argentinas* (1857), nas obras mais detalhadas como a *Historia de Belgrano y de la independencia argentina* (com quadro edições revistas 1857, 59, 76/7, sendo a definitiva de 1887) e na *Historia de San Martin y de la emancipación sudamericana* (1888).

O estudo da história, para Mitre, entrelaça a “biografia” e os “grandes acontecimentos”. No início da *Historia de Belgrano* ele afirma: “*la historia contemporánea servirá de fondo a la figura principal del cuadro, y em otros apreciará confundida entre las grandes masas o perdiéndose em la penumbra del grande escenario*”². Para ele o estudo da história “produz bens”, sendo um dos maiores “o de dar fundamento racional à admiração pelos homens ilustres do passado”³.

Diante desta concepção de história, ademais uma clara visão de uma história modelar, que é bastante explícita em seu propósito de “oferecer exemplos para a posteridade”, “ilustrar nossos anais e educar o povo por sua lição moral”, “despertando a admiração simpática ou o horror”, fixando as “figuras simbólicas da história”, a pergunta que nos propomos é a seguinte: como este discurso histórico nos oferece uma compreensão de um *outro*? Quais as descrições realizadas para que se discuta a formação da Argentina contemporânea? De que forma esse discurso se reverbera em nossas concepções históricas e políticas?

As histórias de Mitre são pródigas nas respostas a estas perguntas. Mas antes de um juízo sobre o que foi feito pelo autor das *Comprobaciones históricas* nos cabe prosseguir: o que as obras de Mitre podem revelar além do que elas já explicitaram?

As respostas, evidentemente, não são tão óbvias, mas podemos dizer que para encontrá-las procuramos pensar que a bibliografia mitreana, transformada em fonte para o

² MITRE, Bartolomé. *Historia de Belgrano y de la independencia argentina*. v.1. Buenos Aires: Ediciones Estrada, 1947. p. 56

³ *Ibidem*, p. 7.

historiador do século XXI, indica um percurso que nos diz respeito. Ao pensar em temas como a própria compreensão do que é história, o papel dos documentos e fontes como o “outro” do historiador, os significados atribuídos ao passado e a própria idéia de composição da nação, temos uma infinidade de questões a serem exploradas. Mas sobretudo, podemos identificar que a história é narrada como elemento político fundante das pretensões unitaristas do domínio de Buenos Aires sobre o interior.

O que é fazer história para Mitre?

Quero destacar dois pontos da “operação historiográfica” empreendida por Mitre. O primeiro refere-se ao método, no qual farei um breve apontamento, e o segundo aos temas escolhidos pelo ex-presidente.

A fundação dos “cânones” de certa história argentina não nasceu por um simples ato de criação de Bartolomé Mitre. As idas e vindas da política argentina, à qual Mitre estava profundamente envolvido, permitiram que o debate sobre o passado e os “métodos” da produção deste saber, ocupasse um lugar relevante no país austral na segunda metade do século XIX.

Mitre polemizou com Vicente Fidel López (1815-1903), entre 1881 e 1882, sobre as origens da História. No trabalho de Roberto Madero ficam evidenciadas as tensões do que significava “escrever a História”. Mitre propunha uma ordem objetiva que contemplasse os “mandamentos da natureza, da razão e do ideal”, buscando um conhecimento experimental a partir dos modelos das ciências físicas. Para ele seria possível, mediante os documentos recolhidos, “buscar uma totalidade evidente e necessária, a verdade e o bem”⁴. De forma mais enfática Mitre afirma que a investigação do historiador deve “constituir uma crônica dos sucessos passados, não como uma encarnação de uma capacidade adivinhatória ou intuitiva do historiador, mas como um produto do trabalho de comprovação”⁵.

Fidel López é apresentado como um oponente na contenda do tipo de narrativa histórica que surgia na jovem nação argentina. López expressaria um jogo simplificador, com “sentimento, paixão e subjetividade”. Nesse jogo de dualidades definidas Mitre representaria o futuro e o modelo de uma história que tem o seu encontro com a modernidade; López, a expressão arcaica da tradição. O embate entre os dois eruditos,

⁴ MADERO, Roberto. *El origen de la historia: sobre el debate entre Vicente Fidel López y Bartolomé Mitre*. Buenos Aires: FCE, 2001.p.42

⁵ *Ibidem*. p.43.

pelas páginas de jornais, levaram a mútuas acusações de imprecisões sobre os “feitos históricos”. As respostas de Mitre eram sempre acompanhadas do argumento de que “em sua história não há um único episódio que não pudesse ser documentado”; para López, “os nossos arquivos não contém verdadeiros segredos, nem encerram nenhum problema histórico ou social a ser resolvido; contém, quando muito, ínfimos ou curiosos detalhes sobre incidentes pessoais que em nada podem mudar a noção viva e geral que temos de nossa recente história e de nossa tradição de ontem”⁶.

Para Vicente Fidel López a história argentina é única e exclusivamente política. Naquele território “não se encontram os segredos de civilizações”, numa alusão a outros povos, e desse modo os argentinos concentraram a sua trajetória histórica no debate político que se faz em “praça pública”. Portanto os temas como o despotismo, as divisões entre unitaristas e federalistas se constituíam como o próprio cerne da história argentina. Para López a história da República era um caminho não-consensual e a ser construído.

Esta perspectiva de uma tradição excessivamente política contrastava com a postura de Mitre que colocava como eixo central a construção de uma nação romântica, enaltecendo figuras heróicas, descrevendo a participação dos grupos que formavam a população e suas ações neste processo⁷, sem enfatizar as divisões. A história mitreana tem o compromisso de fixar os “valores e sentimentos nacionais”, de estabelecer o “mesmo espírito” entre povos diferentes⁸.

As posições ficam mais claras se observarmos as discussões que as motivavam. A composição das origens da história não era apenas um jogo de vaidades, mas a afirmação de projetos, em meio a disputas sangrentas entre Buenos Aires e o interior⁹.

A discussão do método, portanto, poderia parecer menos relevante se não considerarmos que era um exercício de consolidação de qual história seria “legítima” e

⁶ LÓPEZ, Vicente Fidel. *Debate histórico*. Apud. MADERO, Roberto. *Idem*, p. 24.

⁷ Essa descrição sobre os grupos populacionais, como veremos na seqüência deste texto, não pressupõe uma relação equânime de indígenas, *criollos*, *gauchos* e a população “mestiça”. Os grupos populares compõem parte do cenário no qual a ação é dos protagonistas *criollos*.

⁸ Não podemos nos esquecer que a Argentina recebeu um grande número de migrantes europeus desde a década de 1820 até a segunda metade do século XIX. A preocupação de Mitre, assim como a de Sarmiento quando esteve na presidência e ampliou a rede escolar, era homogeneizar a sociedade argentina. Nesse sentido o ensino da língua e da história era um dos mecanismos de padronização daquela sociedade.

⁹ O debate protagonizado por López e Mitre indica a medida que o discurso histórico foi utilizado na Argentina como legitimador de posições e, principalmente, de ser a fundamentação de uma tradição que se iniciava. Para os dois autores a história deveria ser ensinada de forma sistemática nas escolas com o objetivo de valorizar os feitos e ações das origens da nação. Nesse processo podemos identificar certa hipertrofia da memória argentina com amplas repercussões e debates entre intelectuais, políticos e historiadores desde o século XIX.

“verdadeira” e, dessa forma, silenciava opositores e relacionava temas e “ensinamentos” que conferiam autoridade ao relato histórico. O relato de Mitre foi editado e considerado como ideal, pois com ele triunfaram a estratégia de que a ciência é o único modo possível de se conhecer, e a nação era o único objeto da memória.

Também não podemos nos esquecer que Mitre fundou, em 1854 o Instituto Histórico e Geográfico do Rio da Prata¹⁰.

O político e a história

O tema mais relevante naquela época era a nação. A afirmação de José Carlos Chiaramonte nas conclusões de seu *Ciudades, Provincias, Estados: origenes de la Nación Argentina* é enfática:

La cuestión de la nacionalidad, inexistente en las dos primeras décadas de vida independiente, fue así instalada en el centro de las preocupaciones políticas por Echeverría, Alberdi, Gutiérrez y demás miembros de la generación romántica [de 1837], incluidos sus entonces jóvenes seguidores, tales como, entre otros, Domingo Faustino Sarmiento, Bartolomé Mitre y Vicente Fidel López. Lo que hemos visto (...) es un proceso en cuya explicación hemos invertido los tradicionales términos de análisis, considerando la formación de la nacionalidad argentina como un efecto, no una causa, de la historia de la organización de la Nación argentina actual. (...) La existencia y modalidades de una posible nacionalidad argentina quedaría como un tema recurrente del debate cultural y político del país a partir de la segunda mitad del siglo. Un asunto, el de la nacionalidad, que por el supuesto mismo de la homogeneidad étnica, cambió abruptamente gran parte de sus datos básicos cuando la inmigración europea renovó el contexto demográfico argentino y modificó substancialmente los términos del debate.¹¹

Há, segundo esta interpretação, uma nação pré-existente nas páginas de Mitre. A disputa histórica na qual se envolvia era uma disputa pela sua interpretação da história e afirmação do debate político. A história faz parte da História: Mitre realiza um diálogo pretérito que continuava no seu próprio tempo, pois sujeito (História) e objeto (dados) operam dentro de marcos temporais.

¹⁰ As diferenças entre López e Mitre diminuíram quando ambos estavam no mesmo campo político. As grandes alianças contra o governo do general Julio Roca (1880-1886) uniram os dois historiadores no final de 1885. López se perguntou sobre o que os afastara e chegou a ser colaborador no jornal de Mitre, o *La Nación*, em 1894. Após a trágica morte de seu filho mais velho, Vicente F. López, ex-ministro da Economia no governo de Carlos Pellegrini (1890-1892), dedicou o resto de seu tempo à família e a reedições de suas obras.

¹¹ CHIARAMONTE, José Carlos. *Ciudades, Provincias, Estados: origenes de la Nación Argentina* (1800-1846). Buenos Aires: Emecé Editores, 2007. p.261.

Mitre era um erudito, que manifestava uma paixão pela história e pela ação política. Ingressou no exército que se formara contra o caudilho Juan Manuel de Rosas, que protagonizara a vida política portenha entre 1829 e 1852. No ano de 1852, após a queda de Rosas, Buenos Aires se separou da República Independente do Prata. O domínio de Buenos Aires sobre o restante do país e a efetiva unificação ocorreu após a Batalha de Pavón, em 1861.

Após disputas sangrentas e um desejo de “eliminar os opositores” que emergia em alguns grupos da política portenha, Mitre fez acertos políticos com antigos opositores em nome de um programa de “reorganização política e institucional”. Neste cenário tornou-se presidente em 1862.

Estes episódios são fundamentais para compreendermos a escrita histórica do autor das *Historias*. Como observou Nicolás Shumway, o trabalho de Mitre como historiador aborda as mesmas questões e interesses que o levaram à atividade política e militar. O predomínio de Buenos Aires sobre o interior e a afirmação da sua própria figura como liderança nacional eram legitimados por suas escolhas de líderes como Belgrano e San Martín como as forças básicas da história argentina. Desse modo, “Mitre se justifica a si mesmo e a suas ambições como pensador-escritor-político-militar que aspirava em sua geração o papel que projetara sobre os predecessores cuidadosamente escolhidos.”¹²

Os heróis, alicerces da nação na história mitreana, são, portanto, um discurso de si. A minoria ilustrada, os *criollos* que são exaltados como responsáveis pelo fim do domínio colonial na Região do Rio da Prata é parte da argumentação dos novos protagonistas do início da década de 1860.

O discurso histórico posto por Mitre, exerce também a função de dizer que o país conflagrado era capaz de manifestar um consenso liberal após a presidência do nosso escritor. Um consenso a partir da vitória de uma “linha evolutiva” sobre a barbárie, que se iniciara na colonização e que resultou, de certa forma, na campanha da conquista do deserto e uma organização política mais estável ao final do século XIX, como observou Túlio Halperin Donghi.

Porém, este discurso homogeneizador que promove Mitre como um dos artífices da nação esconde resistências e dores que são silenciadas por meio da brutal repressão às províncias e pela violência exercida durante a presidência Mitre (1862-68). Segundo Eduardo Luis Duhalde estes aspectos são encobertos diante de um “discurso justificador

¹² SHUMWAY, Nicolas. *La invención de la Argentina: historia de una idea*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2005. p. 212.

da **necessidade histórica** projetado às representações sociais, como se estes feitos fossem alheios à vontade dos homens que as produziram, em uma espécie de fatalismo ou formando parte de uma lógica exterior”¹³. Esse mecanismo de uma suposta ação justificada leva à exaltação de Bartolomé Mitre como o principal autor daquela política. De forma semelhante à Mitre, Duhalde fala a partir de seu próprio tempo e registra os interesses de uma corrente que se opõe à visão conciliadora que se projetou sobre a Argentina do período Mitre.

Ao registrar práticas violentas para suprimir a dissidência no governo Mitre, Eduardo Duhalde postula uma outra interpretação. O autor critica uma suposta conformação entre a história e a cultura política que justificaria o crime praticado pelo Estado e, dessa forma, legitimaria uma das piores práticas políticas do país austral. “A violência do poder, recorrente, sistemática, fria e planejada, como uma constante na história argentina, aparecendo sempre como justificada resposta à violência irracional das vítimas, como se denomina em sua negativa a aceitar uma ordem excludente e mortífera.”¹⁴

Os temas de Mitre

Para não enveredarmos pelas ações políticas de Mitre e podermos refletir sobre discursos que “configuram o outro” na fundação da nação argentina, vamos retomar as descrições presentes na obra de nosso autor. Por isso elegemos três temas principais: a descrição da situação colonial; o papel das raças nos processos de independência; e, por fim, o papel dos heróis.

Como toda seleção é arbitrária, e a minha não foge à regra, posso apenas justificar que estes aspectos demonstram um eixo argumentativo de Mitre e as articulações em torno da construção nacional.

À medida que extraímos trechos das obras históricas de Mitre (*San Martín, Belgrano e Comprobaciones*), podemos ter maior clareza sobre o pensamento de Mitre e seus projetos. Portanto, o discurso histórico em suas origens, não é apenas um exercício de

¹³ DUHALDE, Eduardo Luis. *Contra Mitre: los intelectuales y el poder – de Caseros al 80*. Buenos Aires: Punto Crítico, 2005. p. 17.

¹⁴ *Ibidem*, p.18. De forma semelhante às críticas a uma visão estanque de Mitre em sua construção da história argentina, podemos observar que Duhalde, em nossos tempos, se propõe a ser porta-voz de uma outra tradição, definindo critérios e uma leitura que também encobre a diversidade argentina. Se a idéia do “consenso liberal” é uma construção de grupos do XIX, a noção de que a violência é a principal característica da política argentina é uma outra construção. Em ambos os casos, separados temporalmente, temos uma prática que esconde outros protagonistas da história da Argentina.

erudição, mas expressava claros conteúdos que marcaram aquela sociedade e o seu porvir.

A colonização

No início da História de Belgrano encontramos:

“Duas correntes humanas contribuíram a fundar esta colonização. A primeira, vinha diretamente da mãe pátria, a Espanha, atravessando os mares e ocupava e povoava as áreas ao redor do Rio da Prata. (...) . A outra, vinha do antigo império dos incas, já subjugado pelas armas espanholas, explorando o interior do país (...)

A colonização peruana e argentina dos primeiros tempos, ainda que impulsionada pelos mesmos objetivos, diferencia essencialmente uma da outra tanto em sua organização como em seus meios e fins imediatos. (...)

A colonização argentina, conservando suas marcas características, se modificava notavelmente ao chocar (...) com a varonil raça indígena que defendia seu solo, tendo que prover pelo trabalho às primeiras necessidades da vida; e se tornava agrícola em vez de mineira, constituindo de fato em núcleo de uma sociabilidade mais espontânea.

Os conquistadores, ou melhor, os colonos do Rio da Prata ocupavam um país povoado por tribos nômades sem coesão social, sem metais preciosos e sem recursos para prover as exigências da vida civilizada. Os indígenas ocupantes do solo, obedecendo a sua índole nativa, se submetiam mansamente. (...)

Assim nasceu e cresceu a colonização argentina em meio à fome e à miséria, pedindo à mãe terra seu sustento e se fortaleceu em meio a dolorosos sofrimentos, oferecendo na América do Sul, o único exemplo de uma sociabilidade filha do trabalho reprodutor.

Esta colônia estava condenada a perecer ou a vegetar na escuridão e a miséria, se não houvesse encerrado em seus próprios elementos um princípio fecundo de vida e de progresso.

Os indígenas submetidos, se amoldavam à vida civil dos conquistadores, (...), se assemelhavam a eles, suas mulheres constituíam os lugares nascentes e os filhos deste consórcio formavam uma nova e formosa raça, na qual prevalecia o tipo de raça européia com todos seus instintos e com toda a sua energia, ainda que levara em seu seio os maus gérmenes de sua dupla origem. Deste modo, os indígenas sujeitos à servidão social e não a escravidão, compartilhavam com seus amos as vantagens e as penúrias da nova vida social, trabalhando para eles e com eles, porém comendo do

mesmo pão. (...) Daqui provém que a conquista do Rio da Prata não ofereça o espetáculo destas hecatombes humanas que ensangüentaram o resto da América. (...)”.

Nesta longa, mas necessária citação podemos identificar uma diversidade de “outros”: a primeira é a da composição das duas correntes que povoaram a região: os espanhóis e os incas; outra configuração é a diferença das outras colonizações: na região do Prata, por não haver riqueza, fixou-se no trabalho agrícola; na seqüência a descrição de indígenas (com sua índole nativa mansa e sem coesão social), de uma nova raça (prevalecendo a raça européia mas com os males da dupla origem), de uma sociabilidade originada no trabalho produtivo (por causa da pobreza), além do raciocínio por comparação, o que é interessantíssimo na “hierarquia de outros a partir do mesmo”.

Essas configurações são fundamentais para a construção de Mitre: há um traço europeu que se adapta e promove uma nova sociedade. A descrição catastrófica da origem miserável e de uma suposta convivência entre indígenas e colonos é um recurso argumentativo para que se compreenda, no presente de Mitre, que há uma história em curso. O discurso de certa unidade (amos e indígenas padecem juntos) não deixa de manifestar ambigüidades e desconhecimentos. Ambigüidade por relatar que os mais belicosos se refugiam como selvagens e apenas o aumento populacional os recuperará para a civilização; desconhecimento por ignorar sociedades imensas que viviam pelo interior (como os araucanos e mapuches), “sem coesão social”, ou ainda, por supor um caráter moral superior aos que habitavam no território da futura nação argentina por seu ímpeto pelo trabalho, desconsiderando as formas de exploração exercidas naquela região.

Outra informação que extraímos é que a nova organização populacional do Rio da Prata assistia ao sucumbir dos varonis indígenas, o que de alguma forma, demonstrava suas fraquezas e inaptidão para a vida civilizada. Mesmo quando se pretende elogiar alguns grupos específicos o elogio era dúbio. No esforço da composição, reiteramos, não havia nada além do que um espaço a ser preenchido: e esse exercício de preenchimento nada tinha de diferente. Incorporava-se um discurso civilizacional que deveria se realizar ou se firmar de acordo com os princípios de seu enunciador. A título de ilustração, a população total das províncias argentinas, ignorando os indígenas, variava entre 600 e 780 mil pessoas, em 1840.

Mitre expressa, com total segurança, ao olhar para o passado colonial, as premissas do debate entre a civilização e a barbárie. Ele constitui uma fronteira que tem um grande alcance político e cultural. Os projetos em disputa (unitários e federalistas; civilizados e

bárbaros) criavam o espaço de identificação, no qual manifestavam suas semelhanças e diferenças e as filiações advindas deste caminho: estou de qual lado?

Dessa forma fica difícil não identificar a pretensão de uma realização histórica de um progresso almejado com tanta dificuldade e, portanto, as pluralidades e diferenças devem sucumbir diante de um projeto único de civilizar. A tradição liberal com uma coloração romântica relê o passado para atestar a sua superioridade diante dos grupos que ali se encontram. Mitre não tem a pretensão ou mesmo a coragem de dizer de forma tão explícita como Bolívar que se perguntou “que espécie de homens somos nós”, mas registrou os universos em disputa e, pela lógica da razão e da natureza que ele afirmava, a necessidade de um incorporar o outro.

A persistência das divisões ou mesmo da pobreza colonial seria, para Mitre, uma forma de negar a validade do projeto liberal. Mas a “clarividência” de seu discurso histórico se ampara na certeza da vitória do projeto civilizador e da construção da nação.

A descrição das raças

Em outro trecho da “História de San Martín”, Mitre enaltece o papel dos criollos. Mais uma vez estamos diante de um caso de glorificação dos descendentes espanhóis durante o processo das independências.

“Não se compreenderia bem o mal-estar anterior e o desenvolvimento da revolução sul-americana sem o conhecimento de suas raças, especialmente da raça criolla, na qual se acumulava a força, residia a paixão e germinava a idéia revolucionária como uma semente nativa do solo.

Os espanhóis constituem a raça conquistadora, privilegiada, que pela simples razão de sua origem tinham a proeminência política e social. Os índios e os negros formavam a raça servil sob o regime da escravidão e era elemento inerte. Os mestiços eram raças intermediárias entre os espanhóis, os índios e os africanos, que em algumas partes compunham a grande maioria. Os criollos, os descendentes diretos dos espanhóis, de sangue puro, eram os verdadeiros filhos da terra colonizada e constituíam o nervo social. Representavam o maior número, e quando não, a potência civilizadora da colônia: eram os mais enérgicos, os mais inteligentes e imaginativos, e com todos os vícios herdados e sua falta de preparação para a vida livre, os únicos animados com

um sentimento de patriotismo inato, que desenvolveu-se e converteu-se em elemento de revolução e organização espontânea, e depois, em princípio da coesão nacional. (...)

A aspiração natural dos escravos é a liberdade; a das raças oprimidas que se sentem com forças próprias, reassumir sua personalidade ante a família humana. Esta dupla aspiração levava ao germe da revolução americana (...).

A raça indígena, de cujas sublevações parciais temos sido omissos como elemento revolucionário, teve sua grande explosão em 1780, levantando-se em massa no Peru contra os conquistadores, com Tupac Amaru (...). Reuniram grandes exércitos e lutaram; porém foram logicamente vencidos, afogados para sempre em seu próprio sangue, porque não eram donos das forças vivas da sociedade e porque não representavam a causa da América civilizada. (...)

Empenhadas na luta pela independência, as raças intervieram de acordo com as suas afinidades. Os criollos tomaram a direção política e a vanguarda no combate entre as colônias insurrectas e sua metrópole. Os indígenas, emancipados pela revolução da servidão que sobre eles pesava, se decidiram por ela como auxiliares, ainda que não fossem contados como força militar, à exceção do México, onde este elemento figurou em primeira linha. No resto da América, os mestiços constituíram a carne do canhão e o nervo dos seus exércitos. O gaúcho argentino, espécie de árabe e cossaco modificado pelo clima, e possuído pelo mesmo fatalismo de um e da fortaleza do outro, deu seu modo à cavalaria revolucionária. (...)

A raça criolla na América do Sul era um ramo robusto do tronco da árvore indo-européia à qual está reservada o governo do mundo. (...) É uma raça superior e progressista à qual foi dada a tarefa de completar a democratização do continente americano e fundar uma ordem de coisas novas destinadas a viver e a progredir. Elas inventaram a independência sul-americana e fundaram a república por si só, e sozinhas a fizeram triunfar, imprimindo às novas nacionalidades que delas surgiram seu caráter típico. Por isso a revolução de sua independência foi genuinamente criolla. Quando estourou, em 1810 com surpresa e admiração do mundo, se disse que a América do Sul seria inglesa ou francesa, e depois de seu triunfo pressagiou-se que seria indígena e bárbara. Pela vontade dos criollos foi americana, republicana e civilizada.

A interpretação de Mitre sobre os grupos étnicos é reveladora dos riscos contidos no processo de libertação. Sem a força dos criollos, esses seres inteligentes que representavam as “forças vivas da sociedade”, a América nunca seria livre. O esforço

para legitimizar a autoridade desse grupo diante da maioria da população estava no embate entre uma consciência dos caminhos para a civilização e os riscos existentes nesse processo, em meio a mestiços, gaúchos e indígenas. A forma como os políticos ligados a Mitre se empenharam em apagar os vestígios de uma ordem política anterior, tanto nas lideranças de Rosas como de Urquiza, demonstra a insegurança do projeto liberal em meio à diversidade existente.

Se não havia a maioria da população para legitimar o exercício político, deveria haver uma racionalidade considerada incontestável e, dessa forma, mais uma vez, estamos diante das ambigüidades discursivas de Mitre. É claro que, ao relatar ambigüidades discursivas, não suponho que deva existir ou que se espere obter uma coerência absoluta. As ações dos grupos humanos são dinâmicas e reveladoras das circunstâncias que as produziram. Mas quero insistir que a tradição à qual Mitre narra uma história do passado para legitimar seu domínio faz com que se construa um olhar de desprezo e de inferioridade sobre grupos majoritários da população. Sem a presença de grande parte da população construiu-se um dos grandes paradoxos das nações hispano-americanas: ao mesmo tempo em que determinados setores defendem idéias liberais, que incluem a vontade dos habitantes para que haja legitimidade no exercício do poder capaz de se contrapor à ordem colonial espanhola, esse mesmo povo, alçado à condição de legitimador das decisões políticas, é retratado como “inculto”, analfabeto, cheio de “superstições”. Por esta visão, graças à preservação de determinados costumes e práticas culturais dos grupos populares, eles seriam incapazes de conduzir sua própria história, portanto, a legitimidade *criolla* estaria assegurada por apresentar um projeto de construção da nação.

Mais uma vez estamos diante de um relato no qual se pretende que a Argentina e, por extensão, a América incorporem as características *criollas*. Esta violência cultural, podemos dizer, é tão ou mais brutal para os grupos indígenas, gaúchos e mestiços do que as ações pela “conquista do deserto”, como era designado o interior do país e suas imensas áreas despovoadas.

Para se empreender o projeto de libertação política e a constituição da nação ainda nos cabe analisar a figura do herói. Ele é capaz de condensar as forças políticas contraditórias e conduzir a formação do país.

No início da História de Belgrano, Mitre registra: “este livro é ao mesmo tempo a vida de um homem e a história de uma época”. No relato de San Martín é mais pródigo:

“Os homens de ação ou de pensamento que, como San Martin, realizam grandes coisas, são almas apaixonadas que elevam suas paixões à potência do gênio e as convertem em forças para trabalhar sobre os acontecimentos, dirigi-los (...). Eles marcam as pulsações intensas de uma época, das quais se deduz uma lei positiva, reveladora das leis morais em atividade e de percussão das idéias circulantes na corrente humana. Manifestações de uma vida múltipla e de uma potência individual, condensadores ou geradores do movimento fecundo, trabalham sobre seu tempo como uma ação eficiente ou se lançam a correntes permanentes e, deste modo, sua influência se prolonga no tempo vindouro como um feito durável ou como pensamento transcendental. (...)

A grandeza dos que alcançam a imortalidade não se mede tanto pela magnitude de sua figura nem pela potência de suas faculdades quanto pela ação que sua memória exerce sobre a consciência humana, fazendo-a vibrar de geração em geração em nome de uma paixão, de uma idéia, de um resultado ou de um sentimento transcendental. A grandeza de San Martin pertence a este número. É uma ação e um resultado que se dilata na vida e na consciência coletiva, mais por virtude intrínseca do que por qualidades inerentes ao homem; mais pela força das coisas do que pela potência do gênio individual. (...)

Fiel à máxima que regulou sua vida: “fué lo que debía ser” e antes de ser o que não devia, preferiu “não ser nada”. Por isso viverá na imortalidade.

As qualidades literárias e o manejo de informações por parte de Mitre são inquestionáveis. Mas há pouco víamos que o papel da revolução americana coube aos *criollos*, de forma geral. Nas citações das duas Histórias (Belgrano e San Martin), o relato é personalizado. Há uma liderança *criolla* que conduz estes processos.

Esta personificação, como já afirmamos a partir das observações de outros autores, pode ser lida como a projeção de Mitre e sua equiparação aos grandes nomes da história política argentina.

Seu caráter apologético, revestido do uso criterioso de documentação que ele foi reunindo ao longo de sua vida, e a filiação a uma tradição histórica que ele quis construir o fez afastar-se de antigos aliados e companheiros. Entre os descontentes podemos citar o próprio Sarmiento, que tinha uma leitura diferente da figura de Belgrano, Vicente Fidel López e Dalmácio Vélez Sarsfield.

Este último, observando imprecisões no texto de Mitre afirmara que a “História de Belgrano” tinha um juízo injusto e calunioso dos povos do interior, pois as massas e os

caudilhos locais tinham tido um papel fundamental nos processos de independência e não estavam submetidos à liderança portenha de Belgrano. Ou seja, os caudilhos interioranos também lutaram pela independência, não eram apoiadores das forças realistas.

Conclusão

Nesta expedição ao universo mitreano podemos identificar alguns processos conhecidos, por vezes semelhantes, mas fundamentalmente, a oportunidade de refletir sobre a escrita da História e seus compromissos políticos e morais.

O desafio da construção da nação argentina colocou questões para os homens daquele tempo e que protagonizaram imensas disputas com letras e armas. Mitre teve a oportunidade de lutar das duas formas. Dentro da reflexão que nos propusemos de pensar as “configurações do outro” nesta narrativa não nos cabe o papel de julgar, mas de buscar compreender o que estava na premissa daqueles pensamentos e os papéis reservados a uma população culturalmente diversa, mas que deveria unificar-se politicamente dentro dos propósitos do historiador-presidente.

Os esforços na construção da nação nos remetem à pergunta sobre qual a nação que se quis construir. No caso argentino, como escreve a historiadora Patrícia Funes em livro lançado este ano, “não é fácil agarrar a historicidade das nações. Estereótipos cristalizados pela educação, pela história, pelo senso comum dificultam a apreensão de sua temporalidade. Parece que existem desde sempre e que jamais deixarão de existir. (...) As gerações liberais decimonônicas tiveram não poucos problemas para arraigar na história uma legitimidade que encarnava os princípios universalistas aos quais se filiavam. Os direitos civis e políticos da república de cidadãos eram ponto de partida inspirador e horizonte de chegada.”

Podemos estender estas observações e perguntar: como construir uma nação? Ou ainda, como avaliamos, no alvorecer do bicentenário desses processos de independência na América Espanhola, os resultados destes processos? Uma leitura simples e recorrente é o da identificação dos fracassos obtidos; outra, mais complexa, é buscar fugir dos lugares-comuns e indagar sobre as dificuldades que temos em contar essa própria história. A história global e linear de Mitre é conhecida; desafiador é reconhecer descontinuidades, fragmentos e silêncios de uma história que é apreendida pelas pessoas de forma muito diversa daquilo que registram os livros.

As fronteiras políticas e culturais que o relato histórico de Mitre produziram devem ser questionadas; não que tenhamos a ilusão de que discutir o “Outro” seja o espaço de uma sociedade pueril, mas porque ao indagarmos sobre o que já foi registrado e os limites dessas narrativas poderemos olhar para nossa própria forma de narrar a história, com nossos pressupostos e preconceitos que se revelam por meio de nossos objetos de pesquisa. As contingências de diversas histórias é uma forma de nos abriremos a novos caminhos.

Num conto do argentino Jorge Luís Borges, “O Jardim de Veredas que se bifurcam”, ele narra uma fantástica história de um antigo governador chinês, Ts’ui Pen, que abandona sua família, o poder e se tranca para escrever um texto, que após 13 anos, quando ele morre, é uma vergonha para toda família – o texto não se articula, com anotações contraditórias. A obra, execrada pela família, ressurgue um século depois num caminho improvável de um descendente de Ts’ui Pen que é um espião alemão na Inglaterra e que encontra um sinólogo quando está em fuga após ser descoberto.

Após um diálogo, o texto execrado e o olhar para o jardim começam a fazer sentido e se explicar: livros e jardins são labirínticos – cada vez que um homem encontra uma bifurcação escolhe um caminho que será sucedido por outros e abandona-se outras trilhas. O livro de Ts’ui Pen opta por todos, por isso a impossibilidade de uma única ordem e o fiasco de seu texto. Ts’ui Pen lida com uma série de tempos: convergentes, divergentes, paralelos, enfim, que às vezes se encontram e por séculos se ignoram.

A história, como sabemos, lida com eventos singulares e suas percepções em um determinado tempo e, para questões singulares devemos encontrar respostas singulares.

Portanto, para concluir, temos um desafio ao compreender a história, da América ou de qualquer outra parte, como um compromisso de “desfatalizar o mundo” e “fraturar o determinismo” que simplificam nossas explicações. Os processos históricos não seguem um processo definido, mas tampouco vivem ao sabor de uma compreensão metafísica. Compreender o outro, apartado de nós no tempo e no espaço, é um exercício quase insuportável e impenetrável. Mas mesmo assim, um exercício estimulante como o livro da personagem do conto borgeano. O resultado não sabemos, mas esses caminhos históricos se adequam à recomendação final do texto de Borges: “deixo aos vários futuros (não a todos) meu jardim de veredas que se bifurcam”.

Mitre fundou uma tradição na historiografia argentina, que esvazia o passado para compor as representações de um “país novo”. O que motiva sua permanência e suas bifurcações escapa às nossas respostas.